

Sucesso internacional está na atenção a toda a cadeia do medicamento

Entrevista Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra (FFUC) celebra hoje 103 anos com homenagem à indústria do setor, dando palco à grande atividade produtiva da região. Em entrevista, o diretor Fernando Ramos, diz que a instituição está “na carruagem da frente” e é uma das melhores do mundo

Margarida Alvarinhas

Diário de Coimbra “Da farmácia de oficina à indústria farmacêutica” é o tema escolhido este ano para nortear as comemorações do Dia da FFUC, que se assinala hoje. Paulo Barradas Rebelo, CEO da Bluepharma, é o convidado. O que se pretende com este encontro?

Fernando Ramos Duas ou três notas prévias. Primeiro, efetivamente, dar realce àquilo que tem sido a Bluepharma, não só naquilo que é o emprego aos nossos formandos, mas sobretudo lembrar que foi uma indústria farmacêutica, a Bayer, que um conjunto de pessoas, a maior parte delas estudantes da nossa faculdade, transformou numa indústria de sucesso que é hoje. Mas além disso, se repararem, nós neste momento na região centro estamos provavelmente com a maior concentração de indústria produtora. A indústria propriamente dita tem os seus representantes em Lisboa, mas a produção está na região. E não tem só a Bluepharma, que é em Coimbra, tem também a Medifar em Condeixa, a Labialpharma em Mortágua, tem a Fresenius em Tondela. Há um cluster de produção de indústria farmacêutica na região centro que tem alavancado a própria economia da região. E resolvemos fazer o convite ao CEO da Bluepharma, o Dr. Paulo Barradas, porque ele tem este percurso curioso de ter começado na farmácia da oficina. Ele é que escolheu o tema. Resolvemos convidar porque é importante também darmos palco, é disso que se trata, àquilo que é a indústria

farmacêutica, a capacidade de produção e, evidentemente, aquilo que foi a transformação de uma multinacional que teria fechado portas.

Que mensagem é que gostaria que os seus alunos retirassem deste encontro com o Dr. Paulo Barradas Rebelo? Eles já retiraram muito desse encontro. Porquê? A propósito de um encontro que aconteceu aqui há pouco tempo, no mês passado, com as duas autoridades reguladoras mais importantes de língua portuguesa, o Infarmed e a Anvisa. Nós somos a única faculdade do país que cobre desde a investigação até a regulação com graus académicos. Um doutoramento na área da ciência regulamentar só em Coimbra. E, portanto, esta questão daquilo que é toda a cadeia do medicamento, desde a investigação até a regulação, levou-nos a pensar que é a altura de darmos também palco a esta grande atividade da produção na nossa região e fundamentalmente também a esta área que é o circuito total do medicamento. É também o facto de no Infarmed não só estar a captar mais estudantes da Faculdade de Farmácia de Coimbra, como dizem, porque os nossos estudantes estão literalmente melhor preparados do que os outros porque, de facto, nós temos esta maior amplitude, desde a investigação até ao fim do medicamento.

É essa amplitude que torna esta faculdade distinta das suas congéneres?

Diria que sim. A distinção fundamental é termos toda a cadeia do medicamento em termos

de graus académicos. Mas também temos o reconhecimento internacional que nos é dado. Os rankings valem o que valem, mas se a Universidade Coimbra se orgulha muito de estar nas 500 melhores universidades do mundo, a área da ciências farmacêuticas está nas 100 melhores do mundo. Se virmos um comboio, nós somos a carruagem da frente neste momento.

A indústria é hoje um dos principais fatores de atração para a área da farmácia? Mudou a visão e a farmácia já não é apenas o local onde se vendem medicamentos?

É muito mais que isso. Aliás, nas questões da investigação, por exemplo, a nível nacional e internacional, estamos muito à frente. Até naquilo que hoje se fala muito que é a questão das terapias génicas. Um colega meu, o Luís Almeida, lidera o maior consórcio, de 38 milhões de euros, para instalar um centro de investigação na área de terapia génica. O centro está instalado, é da Universidade de Coimbra, mas liderado por nós, Faculdade de Farmácia. Está a ser implementado, a assinatura do contrato foi assinada há cerca de dois meses. É um centro que resulta do consórcio com vários países.

A Faculdade tem também vindo a envolver-se em diversos encontros de grande amplitude.

O ano passado, fomos palco do 15º Congresso Ibero-Americano de Ciências Farmacêuticas e isso diz bem do nosso posicionamento neste espaço ibero-americano. Tivemos fa-

culdades e diretores de faculdades de Espanha, México, Panamá, Argentina, Brasil, enfim, toda a América Latina, o que, curiosamente, levou a que fôssemos desafiados, e esta é uma novidade, pela própria Associação Europeia de Faculdades de Farmácia a apresentar uma candidatura para organizar para o ano a reunião da Associação Europeia de Faculdades de Farmácia. Já apresentámos essa candidatura, agora aguardamos pela resposta. Na última semana de agosto, de 28 a 30 de agosto, teremos também, um encontro na área da Química, o GP2A – Group for the Promotion of Pharmaceutical Chemistry in Academia. Em outubro temos o 15º Congresso Internacional da História da Loucura, Psiquiatria e Saúde Mental. Já em 2025, de 2 a 5 de setembro, teremos o Simpósio Internacional de Síntese e Catalise. Portanto, isto é, por um lado é a nossa afirmação, mas é também as organizações que olham para nós com esta capacidade.

O que mobiliza os alunos a escolherem esta área e esta instituição?

Duas coisas. Por um lado, o espetro formativo amplo, mas sobretudo a garantia que eles têm de pleno emprego. Cerca de um terço dos nossos estudantes antes de acabar o curso já têm ofertas de emprego e os estudantes e as famílias também olham para essa questão. A ampla formação que temos permite, desde a área do medicamento, à investigação, mas também a área alimentar e a área regulamentar são ferramentas que a Faculdade de Farmácia fornece aos estudantes. Mas



”

Se a Universidade Coimbra se orgulha muito de estar nas 500 melhores universidades do mundo, a área das ciências farmacêuticas está nas 100 melhores do mundo. Se virmos um comboio, nós somos a carruagem da frente

voltando à questão das métricas, a Universidade orgulha-se muito de ter um conjunto de investigadores que foram dos 2% mais citados no mundo. Nós em 2022 éramos 59 investigadores e desses 12 fazem parte dessa lista. Na lista dos 2% mais citados no mundo, nós temos 12 pessoas. É quase 25%. Como costume dizer, deve ser difícil manter e crescer ainda mais.

De que forma é que é possível crescer?

Essas são as minhas lutas. Crescer em recursos humanos porque não posso pedir mais aos meus colegas. Dos 59 professores investigadores que éramos em 2002, já somos 62, temos mais três concursos a decorrer e vamos passar a 65 e já tenho autorização para mais três, provavelmente lá para o fim do ano. E seremos 68 daquilo que é o staff permanente. Depois, vamos ser claros, a investigação faz-se com estas pessoas, mas também com os estudantes de doutoramento.

Também já começa a recla-

DIA DA FACULDADE DE FARMÁCIA DA UC

COIMBRA



FOTOS: FIGUEIREDO

Fernando Ramos dá especial destaque ao reconhecimento internacional de que goza a Faculdade

mar instalações. Há um ano manifestava vontade de que uma parte da investigação da Faculdade pudesse passar para o UCBiomed, que em breve será inaugurado. Mantém essa expectativa?

Estamos em conversações com UCBiomed, para que alguns campos de investigação na área do envelhecimento possam instalar-se no Biomed. Tenho essa expectativa e julgo que vai acontecer. Essas relações estão em curso, naturalmente, da mesma forma que temos relação e trabalhamos com o ICNAS na área da radiofarmácia. Eu não preciso que as instalações sejam da Faculdade, as instalações são da universidade, ou podem ser do hospital ou mesmo dos hospitais privados que estão aqui ao lado. O que queremos é que possamos ter pessoas a desenvolver atividade de investigação.

Que relacionamento mantém a faculdade com os outros players da saúde na cidade?

Temos excelentes relações, por exemplo, com o hospital, aliás,

”

Cerca de um terço dos nossos estudantes antes de acabarem o curso já têm ofertas de emprego

Há um cluster de indústria farmacêutica na região centro que tem alavancado a economia da região

até no âmbito do Centro Académico e Clínico em que nós próprios fazemos parte do Conselho Consultivo. Também temos boas relações com o Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses, que é do Ministério da Justiça, que está aqui ao lado. Temos pessoas a estagiar no ICNAS e nos hospitais privados. Vale o que vale, mas a verdade é que tivemos sete pedidos de patente este ano, uma delas internacional, e isso diz bem do prestígio. E gostaria também de destacar outros dois grandes parceiros da faculdade: o Núcleo de Estudantes de Farmácia, o mais antigo da AAC e o primeiro a ser formado e um dos mais dinâmicos da AAC, e a Associação dos Antigos Estudantes da Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra, com a qual iniciámos este ano um programa de mentoring, envolvendo antigos estudantes.

Há nova oferta formativa na calha?

Este ano letivo entrou em funcionamento o mestrado de Su-

plementos Alimentares e Medicamentos à Base de Plantas, assim como também iniciámos uma pós-graduação em Radiofarmácia, que está a ter um êxito extraordinário. No próximo ano letivo entrará em funcionamento o mestrado em Avaliação de Tecnologias de Saúde e Acesso de Medicamentos ao Mercado. Estamos a articular com a Faculdade de Medicina e também com a Reitoria, mas esse é um processo que demora mais, uma licenciatura em Ciências de Nutrição. É uma licenciatura que está em processo de criação.

A evolução tecnológica é inevitável e a desmaterialização dos exames, já o manifestaram, é um objetivo. O tradicional exame em papel será substituído integralmente pelos exames em computador. De que forma evoluiu aqui este processo?

Mais que projetos, neste momento nós já estamos a trabalhar para garantir os meios necessários. Neste segundo semestre vamos pelo menos fazer um teste com o Mestrado Integrado de Ciências Farmacêuticas, isto é, fazer 200, 250 exames desmaterializados. Mas queremos ir mais longe e está planeado ter aqui neste polo salas híbridas. As primeiras que vão avançar serão na biblioteca, servindo todo o pólo. Será mesmo uma sala híbrida, onde todos veem todos.

Havia, há um ano, a expectativa de que fosse possível lecionar um ou dois cursos no Polo da Figueira da Foz da Universidade de Coimbra. Com evoluiu este processo? Ainda não estamos porque a previsão era ter os chamados

cursos não conferentes de grau. Nós temos de dar prioridade aos cursos conferentes de grau e não tenho recursos humanos suficientes. A expectativa é ter, neste próximo ano letivo, um curso não conferente de grau a funcionar na Figueira da Foz, nem que seja um dos cursos mais curtos.

Já deu destaque à investigação que é, na verdade, uma das formas que as instituições de ensino superior têm para se financiarem. Aqui não será menos verdade.

O orçamento de desenvolvimento que tenho não chega neste momento para as aulas. Orçamento do Estado acho que já não dá para pagar o pessoal. E sim, é pela investigação, mas a investigação é uma incerteza porque os rumores que nos chegam é que a Fundação para a Ciência e Tecnologia vai fazer um delay na avaliação dos projetos que os diferentes centros de investigação se candidataram e isso traz alguma incerteza, particularmente em relação aos investigadores que não têm contratos permanentes. E, portanto, se nos atrasar, isto significa que qualquer dia estão a acabar contratos de um projeto e nós ainda não sabemos se os outros vão ser aprovados ou não.

A prestação de serviços é outra fonte de financiamento da faculdade.

É outra área que temos, fundamentalmente em colaboração com a indústria farmacêutica. Nós trabalhamos praticamente com toda a indústria de produção nacional, de norte a sul, desde Lisboa ao Porto, e particularmente aqui com estas do centro, e aí sim é uma forma da receita que temos. Também

trabalhamos com alguns centros de investigação porque temos alguns equipamentos únicos.

Consideram-se bem equipados?

Estamos sempre insatisfeitos. Se ambicionamos mais também temos de ter mais equipamentos.

São recorrentes as críticas aos acessos a este polo das Ciências da Saúde. Continua tudo na mesma?

Em relação há um ano, houve alguma tentativa de melhoria, sobretudo na regulação do trânsito. Se isto é um polo universitário, que seja prioritário à comunidade académica. É necessário ter um sistema em que, com o acesso de cartão do polo, pudéssemos estacionar aqui, como existe nos parques de estacionamento no Polo 1. Mas esse processo ainda não avançou. Se chegar aqui às 8 da manhã, 50% do nosso parque já está ocupado e não é apenas pela nossa comunidade académica. É muito uma questão de paciência, esperar que tudo isto possa passar para encontrar aqui uma boa solução de trânsito. Podíamos ir mais depressa se fosse a Universidade, mas a Universidade não pode definir a questão do trânsito em espaço público. A ideia era ter um sentido único circular e ter aqui depois um silo. Temos de encontrar uma resolução de trânsito. É sempre difícil separar aquilo que é a nossa comunidade de todos os restantes, não dá para fazer isso neste momento. Do ano passado para este ano o que se vê é mais carros, mais carros e mais carros, por cima dos passeios, por todo o lado. ◀



Diretor diz que recursos humanos é área onde a faculdade tem de crescer